
Paradigma e progresso – uma questão sobre o desenvolvimento da teoria semiótica acerca das modalidades crer e saber

Eliane DOMANESCHI

Resumo: Com base nas categorias metateóricas de “paradigma” e “progresso” como definidas por Thomas Khun em *A estrutura das revoluções científicas*, de 1962, este artigo toma como objeto de análise dois textos da teoria semiótica da Escola de Paris sobre as modalidades crer e saber: “Le savoir et le croire: un seul univers cognitif”, publicado em 1983 por Algirdas Julien Greimas; e “Reconnaissance de l’espace fiduciaire”, publicado por Claude Zilberberg em 1988. Por meio de uma visada historiográfica, propõe-se a leitura crítica desses textos com o objetivo de analisar e discutir o desenvolvimento e a evolução da semiótica acerca das referidas modalidades.

Palavras-chave: paradigma; teoria semiótica; historiografia linguística.

Abstract: Based on “paradigm” and “progress” metatheoretical categories provided by Thomas Kuhn in *The structure of scientific revolutions*, 1962, this paper analyzes two Paris School Semiotics texts about the modalities believing and knowing: “Le savoir et le croire: un seul univers cognitif”, published in 1983 by Algirdas Julien Greimas; and “Reconnaissance de l’espace fiduciaire”, published by Claude Zilberberg in 1988. By means of a historiographical point of view, we propose a critical reading of these texts in order to analyze and discuss semiotics development and evolution about the aforementioned modalities.

Keywords: paradigm; semiotic theory; linguistic historiography.

Introdução

A distinção entre as modalidades crer e saber constitui uma discussão de fundo, já clássica, dentro do domínio teórico da semiótica de linha francesa. Greimas (1983, p. 116) chama a atenção para o fato de que esses dois termos, nas línguas naturais, não somente se sobrepõem sem se confundir, mas chegam a, de fato, se opor, como podemos observar no exemplo dado pelo semioticista lituano: “Todos sabemos que vamos morrer, mas não acreditamos nisso”.

Concebidos pela semiótica como duas modalidades que se articulam dentro de “um único e mesmo universo cognitivo” (GREIMAS, 1983, p.133) e que, de acordo com Fontanille (1999, p. 227), encontram tênue distinção dada pelo “modo de relacionamento e de valorização do objeto cognitivo”, o crer e o saber convocam a teoria semiótica a refletir e produzir criticamente sobre seu liame e funcionamento no interior das relações intersubjetivas de comunicação.

Encontramo-nos, aqui, no campo de reflexão epistemológica sobre os milenares problemas filosóficos da “verdade” e da “crença”. E os esforços teóricos que se ocupam das modalidades crer e saber vêm ao auxílio de tal reflexão. Eles também se mostram especialmente relevantes para a teoria semiótica, visto que, no cerne de qualquer situação intersubjetiva de comunicação humana, temos o exercício persuasivo de um fazer-creer que conta com, no outro extremo da cadeia comunicativa, o próprio ato de crer, um ato essencialmente epistêmico.

Frente a isso, destacamos que a discussão que pretendemos realizar a partir da teorização semiótica concernente a tais modais possui caráter metateórico e propõe uma visada historiográfica de seu objeto. Entende-se que a tarefa ora proposta se recobre de caráter historiográfico, primeiramente, pelo fato de que seu objeto não é exclusivamente o conteúdo da teoria semiótica sobre as modalidades crer e saber. Encontra-se aderido a tal conteúdo a sua dimensão cronológica, uma primeira coerção a que o fazer historiográfico deve obedecer para não se tornar epistemologia. Um estudo interno de teorias e modelos, como o proposto, se prescindir da dimensão temporal, contextual, histórica etc., torna-se um estudo estritamente epistemológico, em que as teorias, em última instância, são reduzidas a enunciados que têm seus valores de verdade confrontados, independentemente de qualquer ancoragem no tempo, na história ou em seu contexto de emergência e/ou recepção.

O aspecto interno deste estudo se deve ao fato de que nossos esforços investigativos se dirigem especificamente a um programa de investigação fechado (no sentido de bem delimitado) entre outros programas de investigação que caminham em paralelo na dimensão histórica do conhecimento em linguística: a semiótica da Escola de Paris. Emprega-se o termo “programa” de acordo com a seguinte definição fornecida por Pierre Swiggers:

Um programa é um sistema cognitivo complexo que torna possíveis algumas operações e resultados específicos, enquanto exclui outras possibilidades. Um programa subsume várias teorias que, apesar de suas diferenças técnicas e terminológicas, têm a mesma concepção sobre como o objeto da disciplina deve ser investigado. Tanto o objeto quanto o método são definidos intra-teoricamente; mas a unidade de um programa reside nas concepções similares sobre como um método deve “lidar com” o objeto de uma determinada disciplina. (SWIGGERS, 1981, p. 12)

A postura metodológica assumida por este estudo (a ser definida mais detidamente a seguir), portanto, identifica e situa seu objeto dentro de um programa fechado de investigação, a semiótica da Escola de Paris, e o aborda como um evento localizado numa corrente temporal. A análise de modelos, conteúdos, ideias, e sobre o que determinado modelo pretendia ou não dentro do referido programa, ao não abrir mão da dimensão cronológica, é levada a realizar comparações e a se perguntar: houve progresso da teoria?

A noção de progresso em ciência normal, bem como o conceito teórico intimamente atrelado a ele, o de paradigma, nos são fornecidos por Thomas Khun em *A estrutura das revoluções científicas*, de 1962. A relevância desse ensaio de Kuhn, e das categorias metateóricas dele depreendidas, junto a qualquer pesquisa que se proponha a analisar modelos ou teorias em ciência é evidenciada por Altman (2001, p. 21) no trecho: "Com efeito, é consensual o impacto que *A estrutura das revoluções científicas* de 1962, de Thomas Kuhn, provocou na reflexão das ciências humanas e sociais e, por extensão, na maneira de interpretar sua historiografia".

Ao definir "ciência normal" em seu ensaio, Kuhn define subsequentemente a noção de "paradigma" e coloca esses dois conceitos em relação, comentando a natureza de seu liame:

Neste ensaio, "ciência normal" significa a pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas. Essas realizações são reconhecidas durante algum tempo por alguma comunidade científica específica como proporcionando os fundamentos para sua prática posterior. Embora raramente na sua forma original, hoje em dia essas realizações são relatadas pelos manuais científicos elementares e avançados. Tais livros expõem o corpo da teoria aceita, ilustram muitas (ou todas) as suas aplicações bem sucedidas e comparam essas aplicações com observações e experiências exemplares. (KUNN, 2009 [1962], p. 29)

Populares no início do século XIX, esses manuais se tornaram clássicos da ciência, que Kuhn exemplifica com os *Principia* e *Óptica* de Newton, e *Química* de Lavoisier, e serviram para definir implicitamente os problemas e métodos legítimos de um campo de pesquisa para as gerações futuras. Tais manuais partilham de duas características: suas realizações foram suficientemente sem precedentes para atrair um grupo duradouro de partidários, ao mesmo tempo em que foram suficientemente abertas para deixar todo tipo de problemas a serem

resolvidos por um grupo reconfigurado de praticantes da ciência. Kuhn define as realizações que partilham essas duas características como “paradigmas”.

No que concerne à relação entre ciência normal e paradigma, Kuhn afirma que a partir do momento em que um primeiro paradigma estável e universalmente aceito “funda” uma ciência, é a transição sucessiva de um paradigma a outro, por meio de uma revolução científica (outra noção teórica elaborada, discutida e exemplificada por Kuhn em seu ensaio de 1962), que caracteriza o padrão usual de desenvolvimento de uma ciência normal amadurecida. A instrução por meio dos paradigmas é responsável pela formação de estudantes e jovens pesquisadores que se tornarão membros de determinada comunidade científica, de modo que sua prática científica raramente provoca desacordo sobre pontos fundamentais de uma ciência, uma vez que está ancorada em um paradigma compartilhado que impõe a ela regras e padrões. Tais comprometimento e consenso aparente produzidos por um paradigma compartilhado, de acordo com o que Kuhn postula, são pré-requisitos para a ciência normal.

Deve-se observar que dentro do quadro fechado de programa de investigação em que, no nosso caso, um semiótico manipula seu paradigma e exerce a pesquisa em ciência normal, o olhar para seu horizonte de retrospectão teórico é norteado pela lógica cumulativa. Assim, se lhe é possível vislumbrar progresso, esse progresso é criado pela acumulação. Segundo Thomas Kuhn, podemos falar em progresso internamente a um paradigma, mas em termos de campo geral de conhecimento, não. Isso porque a ciência normal se define como uma prática sustentada pela sucessão de paradigmas. E esses paradigmas são incomensuráveis:

Aceitamos como pressuposto que as diferenças entre paradigmas sucessivos são ao mesmo tempo necessárias e irreconciliáveis. (...) Os paradigmas não diferem somente por sua substância, pois visam não apenas à natureza, mas também à ciência que os produziu. (...) Consequentemente, a recepção de um novo paradigma requer com frequência uma redefinição da ciência correspondente. (...) À medida que os problemas mudam, mudam também, seguidamente, os padrões que distinguem uma verdadeira solução científica de uma simples especulação metafísica, de um jogo de palavras ou de uma brincadeira matemática. A tradição científica normal que emerge de uma revolução científica é não somente incompatível, mas muitas vezes verdadeiramente incomensurável com aquela que a precedeu. (KUHN, 2009 [1962], p. 137 – 138)

É importante manter essa noção em mente, visto que se pretendem abordar dois textos da teoria semiótica concernentes às modalidades crer e saber. Cronologicamente distintos, eles compartilham alguns procedimentos, técnicas e vocabulário, e parecem querer solucionar, cada um à sua forma, um mesmo “quebra-cabeça”, no sentido kuhniano do termo¹. Desse modo, são tomados como partícipes de um mesmo paradigma.

A seguir, portanto, propõe-se uma leitura crítica dos textos “Le savoir et le croire: un seul univers cognitif”, de *Du Sens II* (1983), de Algirdas Julien Greimas, e “Reconnaissance de l’espace fiduciaire”, capítulo de *Raison et poétique du sens* (1988), de Claude Zilberberg, sob a luz das categorias metateóricas concebidas por Thomas Kuhn.

Circunscrição do problema

Greimas e o paradigma semiótico

“Greimas et le paradigme sémiotique”, não por acaso (e isso se mostra especialmente pertinente junto à nossa proposta de investigação), é o nome do terceiro capítulo de *Raison et poétique du sens*, obra de Claude Zilberberg, de 1988. Nele, Zilberberg ressalta que a semiótica greimasiana, em termos de empreendimento teórico, logrou vencer uma dupla dificuldade:

(...) de um lado, homogeneizou e compôs heranças que tendiam à auto-suficiência, bem como assegurou uma continuidade epistemológica para a seleção e garantia das aquisições posteriores; de outro, instalou nesse patamar conceptual, enriquecido e expandido ao longo dos anos, um centro organizador. (ZILBERBERG, 1988, p. 65)

Partindo dessa afirmação, Zilberberg, então, elenca e comenta quais as heranças que Greimas articulou para que, em confluência, elas dessem corpo a seu paradigma. A herança de Genebra é patente já em

1 Kuhn, mormente ao longo do terceiro capítulo de *A estrutura das revoluções científicas*, intitulado “A ciência normal como resolução de quebra-cabeças”, elenca diversos aspectos do fazer científico que nos permitiriam aproximá-lo do ato de montar um quebra-cabeça, entre eles, por exemplo, o fato de a gama de resultados esperados ser “sempre pequena se comparada com as alternativas que a imaginação pode conceber”, o problema em ciência normal possuir sempre uma “resolução assegurada”, e que o modo de chegar a essa resolução “deve obedecer a regras que limitam tanto a natureza das soluções aceitáveis como os passos necessários para obtê-las” (2009, p. 57 – 61).

um dos primeiros artigos de Greimas, "L'actualité du saussurisme", de 1956², em que o semioticista lituano sublinha o ganho que as ciências ditas humanas podem obter das grandes dicotomias saussurianas. A herança de Praga se refere à versão binarista do estruturalismo, à qual estão ligados os nomes de N. Trubetzkoy, R. Jakobson e A. Martinet, que permitiu a Greimas fundar um dos pilares da semiótica: a estrutura elementar da significação ou quadrado semiótico. Temos ainda a herança da Rússia, ligada à incorporação e reformulação por Greimas do trabalho de V. Propp acerca da narrativa do conto maravilhoso russo; a herança da França, composta pela teoria dos actantes de Lucien Tesnière³; e, finalmente, a herança da Alemanha, em que o termo "Alemanha", segundo Zilberberg, designa "fenomenologia", notadamente o pensamento de Merleau-Ponty.

O que nos interessa aqui não é a dimensão epistemológica de como os conteúdos desses modelos, ideias e teorias herdados aparecem e qual é seu papel no paradigma greimasiano, mas o fato de que *Greimas funda um paradigma*: o paradigma da semiótica greimasiana. Ainda mais relevante, e o que vem ao auxílio do delineamento do nosso problema, é o fato de que Zilberberg afirma isso e, ao fazê-lo, traça o horizonte de retrospectão teórico a partir de Greimas (formado pelas heranças elencadas, em confluência) e aloca-se, ele mesmo, também nesse eixo cronológico de eventos, em posterioridade à fundação do paradigma da semiótica greimasiana. Isso estabelece algumas implicações importantes.

Em primeiro lugar, temos que Zilberberg é um leitor de Greimas. Como afirma Tatit⁴, em *Raison et poétique du sens*, "Claude Zilberberg pôs em prática o que chamou de 'progresso às avessas', uma forma de evolução teórica baseada essencialmente na releitura dos autores que, a seu ver, tiveram peso especial no delineamento do projeto de ciência greimasiano". Isso salienta o caráter crítico⁵ do texto de Zilberberg a ser

2 GREIMAS, A. J. "L'actualité du saussurisme". Le Français moderne, n. 3, 1956, p. 192.

3 TESNIÈRE, L. *Eléments de syntaxe structurale*. Paris: Klincksieck, 1959.

4 Em nota de apresentação na orelha da edição brasileira de *Raison et poétique du sens*, publicada em 2006 pela Edusp, com o título *Razão e poética do sentido* e tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas.

5 Os termos crítico e programático são usados de acordo com as definições de Altman (1998, p. 48). Segundo a autora, "O artigo de tipo programático é o que procura instaurar 'novas' direções de pesquisa, ou então apontar para a necessidade de se retomar a investigação de determinado(s) problema(s) sob 'novas' perspectivas", enquanto "O artigo de crítica,

analisado (o "Reconnaissance de l'espace fiduciaire", capítulo de *Raison et poétique du sens* (1988)), em comparação ao caráter *programático* do texto de Greimas, "Le savoir et le croire: un seul univers cognitif", capítulo de *Du Sens II* (1983).

Em segundo lugar, visto que Zilberberg aloca-se no mesmo paradigma de Greimas e o apresenta como elemento de seu horizonte de retrospectão ao escrever o texto de 1988, assume-se que esses dois semioticistas compartilham um conjunto de técnicas, de vocabulário, de metalinguagem e de procedimentos, concordam em relação a seu objeto e, dessa maneira, tomam para si a tarefa de resolver um mesmo quebra-cabeça.

E não é só isso: por sua posterioridade cronológica, Zilberberg assume um programa de investigação já construído, ou seja, um quebra-cabeça no qual algumas peças já foram encaixadas. Seu papel é, portanto, adicionar novas peças para que, pela lógica cumulativa, a ciência do sentido, ou semiótica, *progrida*. E a noção de progresso em ciência é problemática de acordo com as categorias metateóricas que ancoram conceitualmente este trabalho. Fica assim circunscrito o problema que se encontra aderido ao nosso objeto de análise (composto pelo texto de Greimas, de 1983, e pelo de Zilberberg, de 1988).

Estabelecimento do tema e revisão da literatura

As ideias não surgem no vácuo. Os textos que constroem o nosso objeto-problema debruçam-se sobre um tema milenarmente discutindo em filosofia e também já amplamente debatido em outras áreas da linguística que não a semiótica, como a pragmática: a questão da definição, descrição, distinção e funcionamento, entre outros aspectos, do *crer* e do *saber* (em si e em relação). Em 1983, Herman Parret organiza um volume intitulado *De lacroyance—Approches épistémologiques et sémiotiques*, que reúne 21 artigos que se valem tanto de abordagens epistemológicas quanto de semióticas do tema. Mais uma vez, o que nos interessa aqui não são os conteúdos teóricos presentes nesses artigos, mas de que maneira o tema *crer* e *saber* emerge em um eixo cronológico aqui e ali, por meio do trabalho de

tipicamente, é o que propõe a revisão de problemas já anteriormente descritos e/ou explicados, visando quer à reformulação das análises já feitas, quer a reformulação do(s) referencial(ais) teórico(s) que as autorizaram".

quais autores, e a quais outros autores estes se afiliam em termos de horizonte de retrospectão teórico, comunidade científica e paradigma. Sobre a questão, Parret afirma:

Olhando-se para o landscape semiótico, tem-se a falsa impressão de que a semiótica da crença não tem mais do que dez anos. A definição de crença como "a adesão do sujeito ao enunciado de estado (...), como um ato cognitivo sobre determinado pela categoria modal da certeza" (Greimas-Courtés, 1982 [1979], p. 24) manifesta categorias wittgensteinianas, e mostra que a semiótica não é uma disciplina idiossincrática escrita sobre uma tabula rasa. (PARRET, 1983, p. 4 - 5)

Mais adiante, J. Petitot, em seu artigo que integra o volume "Choix et croyance: vers une logique de l'idéal", com vistas a compreender melhor a dimensão histórica aderida ao tema, aponta *Crítica do Julgamento* (1790), de Kant, como o mais importante texto da "pré-história" do problema semiótico do crer. De acordo com Petitot (1983, p. 243), nenhuma semiótica do crer e do saber pode ser instituída sem estabelecer uma relação essencial com a sistemática de Kant: a oposição saber vs. crer simula as oposições kantianas, como conceito vs. ideia e determinação vs. reflexão.

Propor uma revisão da literatura relativa ao tema crer e saber é uma tarefa de ampla envergadura que não cabe nas pretensões de fôlego que este artigo sustenta. O aspecto que nos interessa em relação à visão retrospectiva do tema é o fato de que eleger os autores que instituem a origem de um tema, questão ou "problema filosófico", seguidos daqueles que dão continuidade ao tratamento teórico da questão, articulando-a e desenvolvendo-a, é realizar um trabalho de seleção, interpretação e hierarquização próprio da tarefa historiográfica, que acaba por construir um cânone.

Em relação à formação de cânones em historiografia, trazemos à baila algumas considerações de Richard Rorty, em seu artigo "The Historiography of Philosophy: Four genres", de 1984, notadamente aquelas que se referem ao gênero *Geistesgeschichte*. Segundo Rorty (1984, p. 58), "A questão sobre quais problemas são os 'problemas da filosofia' e sobre quais questões são as questões *filosóficas* é ao que os historiadores da filosofia *geistesgeschichtlich* se devotam". Esse é o gênero que busca dar legitimação histórica às ciências humanas "reunindo um elenco de personagens históricos, junto de uma narrativa dramática, que mostra como chegamos a formular as questões que

hoje pensamos ser profundas e inevitáveis” (1984, p. 61). O autor ainda chama a atenção para o fato de que o gênero *Geistesgeschichte* ressalta a noção de que ainda estamos em rota e que a dramática narrativa apresentada será continuada por nossos descendentes.

Tais afirmações se mostram pertinentes para avaliarmos criticamente o momento em que um autor elege um cânone relativo ao seu tema. É importante manter em mente que esse cânone é construído de modo a autorizar e legitimar o que será, então, dito. Ele também atua atribuindo importância à questão, como a importância com a qual se reveste o tema do crer e do saber quando situamos sua origem em Kant, por exemplo. Uma interpretação superficial e irrefletida dessa afirmação poderá concluir que o crer e o saber constituem o mesmo objeto que vem sendo debatido há séculos. É preciso lembrar que, em cada paradigma, crer e saber construíram um objeto distinto. E o que a semiótica herda de Kant é uma categoria (a oposição) que auxilia na composição do objeto.

Desse modo, voltando-nos para nossos textos, Zilberberg, ao retomar em 1988 um texto de Greimas de 1983, instaura uma micronarrativa legitimadora que esboça a noção de ciência em curso em direção ao progresso. Com o auxílio das categorias metateóricas providas por Thomas Kuhn em *A estrutura das revoluções científicas*, sobretudo as de paradigma e progresso, pretende-se discutir se, e de que maneira, é possível admitir que houve progresso.

Metodologia

Periodização

Em historiografia, a periodização opera por meio de recortes temporais. O objetivo de tais recortes é estabelecer uma unidade discreta de análise. A partir deles, é possível interpretar fatos em seu eixo cronológico, lançando sobre eles uma visada historiográfica. Além disso, datas são muito importantes para definirmos gerações.

Sendo assim, este trabalho se atém a duas datas pontuais no eixo do tempo. Uma é 1983, ano de publicação de *Du Sens II*, de A. J. Greimas. A outra é 1988, ano de publicação de *Raison et poétique du sens*, de C. Zilberberg. Não por acaso, temos aqui anos integrantes

da década de 1980, período em que a semiótica buscou alguma reformulação teórica no sentido de dar conta, além dos conteúdos inteligíveis do discurso, também dos sensíveis. Tal reformulação é notadamente um dos objetivos do texto de Zilberberg, como ressalta Tatit na apresentação da edição brasileira de *Raison et poétique des usens*: “Este livro é uma das respostas dadas à grande questão semiótica surgida no curso da década de 1980: como abordar os conteúdos sensíveis ao lado dos conteúdos inteligíveis já então previstos pelo modelo de Algirdas-Julien Greimas?”.

Crítérios de busca e seleção do material de análise

Os textos que compõem nosso *corpus* para análise foram escolhidos, em primeiro lugar, por tratarem do mesmo tema (a questão do crer e do saber) dentro do domínio teórico da semiótica da Escola de Paris e, mais especificamente, dentro do paradigma da semiótica greimasiana. Também foram selecionados por terem sido escritos por dois semioticistas da referida escola: um deles é o fundador do paradigma greimasiano, Algirdas Julien Greimas, e outro é Claude Zilberberg, leitor de Greimas e cientista que opera dentro do mesmo paradigma greimasiano, manipulando-o.

O texto de Greimas data de 1983 e possui conteúdo acentuadamente *programático*. O caráter *programático* é entendido aqui de acordo com a definição de Altman (1998, p. 48) e caracteriza os textos que propõem diretrizes de pesquisa ou apontam para antigas questões que devem ser retomadas e investigadas à luz de novas perspectivas. O texto de Zilberberg data de 1988 e apresenta conteúdo *programático*, por propor a retomada de uma investigação sob nova perspectiva, nuançado com o caráter próprio do artigo de *crítica*, visto que, de acordo com Altman (1998, p. 48), “O artigo de crítica, tipicamente, é o que propõe a revisão de problemas já anteriormente descritos e/ou explicados, visando quer à reformulação das análises já feitas, quer a reformulação do(s) referencial(ais) teórico(s) que as autorizaram”.

Finalmente, ambos os textos são materiais publicados em forma de capítulo em livro. Trata-se, ainda, de fontes primárias analisadas em seu idioma original, o francês.

Hipótese

Da estrutura binária à estrutura quaternária expandida

O modelo teórico da estrutura elementar da significação, ou quadrado semiótico, é um elemento central no paradigma semiótico greimasiano e em grande parte responsável pela alta *fecundidade* e *alcance*⁶ da teoria de Greimas. De fato, desde a sua elaboração, nos anos 1960, o quadrado semiótico, como ferramenta para a abordagem e análise textual, vem sendo amplamente empregado pela comunidade científica que aderiu ao paradigma de Greimas. Isso se dá pela patente reprodutibilidade de análise que a estrutura fundamental da significação garante enquanto método científico de pesquisa.

No momento em que Greimas formula sua teoria, nos anos 1960 (*Semântica Estrutural* data de 1966), as ideias estruturalistas estavam no auge. E uma das heranças articuladas por Greimas na fundação de seu paradigma, como afirma Zilberberg (1988, p. 68 – 69), é a herança do Círculo de Praga. Associado a nomes como N. Trubetzkoy, R. Jakobson e A. Martinet, o Círculo de Praga empreendeu estudos fonéticos e fonológicos dos quais Greimas herda a estrutura de oposições fonológicas binárias de Jakobson. As estruturas de oposição são denominadas binárias porque trabalham com dois termos que se distinguem pela presença/ausência de um só traço. As oposições fonológicas qualitativa (A vs. B) e privativa (A vs. ã) dão origem aos termos da 1ª geração do quadrado semiótico, respectivamente os termos contrários (oposição qualitativa, como em 'dia' vs. 'noite') e os contraditórios (oposição privativa, como em 'dia' vs. 'não-dia'). Já os termos da 2ª geração, complexo, neutro e dêixis, obedecem à lógica das oposições participativas, onde termos *extensivos* (mais vagos) e *intensivos* (mais precisos), de acordo com definição de Hjelmslev, se relacionam. De forma geral, temos, no quadrado semiótico, uma perspectiva estrutural em que as relações dão sentido aos termos.

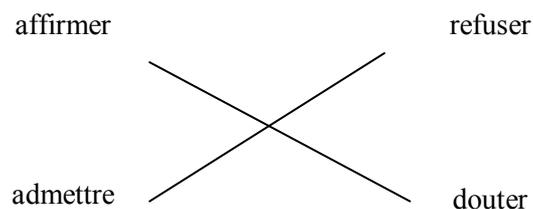
6 As noções de fecundidade e alcance de uma teoria são empregadas de acordo com a definição de Kuhn em *A Tensão Essencial* (1989 [1977], p. 385): "Cinco características – exatidão, consistência, alcance, simplicidade e fecundidade – são todas elas critérios padronizados para a avaliação da adequação de uma teoria. O último critério, fecundidade, merece maior ênfase do que já recebeu. Um cientista, ao escolher entre duas teorias, sabe habitualmente que a sua decisão terá uma relação com a sequência da sua carreira de investigação. Naturalmente, é especialmente atraído por uma teoria que promete os êxitos concretos pelos quais os cientistas são em geral recompensados".

Herança binária e perspectiva categorial

Um primeiro aspecto que nos interessa ressaltar é que as relações de contrariedade e contradição encontradas no quadrado semiótico instituem oposições polares entre os termos. Esse aspecto polarizador pode ser identificado na postura teórica predominantemente categórica assumida por Greimas em relação ao crer e o saber em seu texto de 1983, mas, como veremos mais a seguir, não norteia de forma exclusiva a sua reflexão sobre o tema⁷. Sobre essa característica da teoria semiótica greimasiana, Lopes e Beividas afirmam:

Numa primeira fase da teoria, é consensual dizer que o “ponto de vista” lançado sobre o modo de construção da significação dos discursos foi incidente no seu aspecto “gerativo” e descrito sob as relações de contrariedade e contradição acionadas pelo quadrado semiótico. Podemos dizer, resumidamente, que o universo das modalidades do saber e do crer foi descrito em termos “categoriais”, isto é, alocado nas categorias previstas no quadrado semiótico. (LOPES; BEIVIDAS, 2009, p. 446)

Podemos constatar o aspecto categorial da abordagem de Greimas quando o semioticista afirma, por exemplo, que “o crer por vezes repousa, e até mesmo se consolida, sobre a negação de um saber” (1983, p. 116), “O saber precede o crer” (1983, p. 117), “O crer precede o saber” (1983, p. 122), “O ato epistêmico pode assim ser representado em sua dupla face como uma afirmação ou uma recusa, o que nos autoriza, por sua vez, colocá-lo no quadrado” (1983, p. 119):



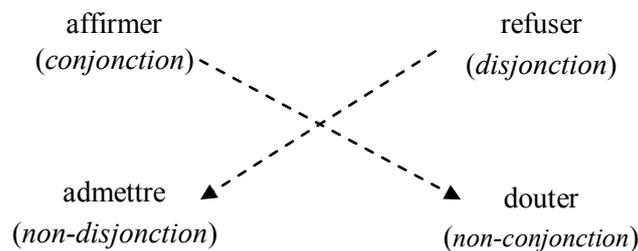
(Figura 1: GREIMAS, 1983, p. 120)

É possível, aqui, depreender uma perspectiva categorial que aloca o crer em oposição ao saber, ambos em posições polares sobre

⁷ É preciso ter em mente que, apesar de Greimas realizar uma distinção categorial entre crer e saber, ele defende que esta não pode ser praticada como uma dicotomia.

um mesmo eixo. Assim, o crer se consolida sobre a negação de um saber, e o saber, por sua vez, sobre a negação de um crer. A noção de precedência (do saber em relação ao crer, e vice-versa) também nos permite vislumbrar a abordagem categorial: se uma lógica de precedência organiza os termos, não existe, sob essa perspectiva, a possibilidade de ocorrência simultânea de crer e saber.

Assim, o ato epistêmico, para Greimas, guarda inicialmente algo de oposição binária ao ser concebido como “uma afirmação ou uma recusa” e posteriormente desdobrado nos termos contraditórios observados no quadrado anterior. Mais adiante, porém, Greimas, ao apresentar o ato epistêmico como uma operação conjunta, chama atenção para o fato de que as modalizações epistêmicas devem ser entendidas como graduais e não categoriais: “Sendo as modalizações epistêmicas graduais e não categóricas (como é o caso, por exemplo, das modalizações aléticas), /afirmar/ e /recusar/ não podem ser considerados senão como polarizações extremas das operações conjuntas, bem-sucedidas (= conjunção) ou fracassadas (= disjunção)” (1983, p. 120), como podemos observar em:



(Figura 2: GREIMAS, 1983, p. 120)

É importante observar que, nesse ponto de seu texto, Greimas dá ênfase ao caráter gradual das modalidades epistêmicas ao contrastá-las às modalidades aléticas, de aspecto categorial, em que um dever-ser, uma vez projetado no quadrado semiótico, engendra os termos s1 /necessário/, s2 /impossível/, s1 /contingente/ e s2 /possível/. O caráter eminentemente categórico das modalidades aléticas pode ser exemplificado pelo fato de que não se considera algo mais ou menos impossível, e sim possível ou impossível, em uma oposição essencialmente polarizada.

Assim, se de modo geral a abordagem de Greimas em “Le savoir

et lecroire: um seul univers cognitif” privilegia a perspectiva categorial ao descrever o ato epistêmico por meio de termos alocados nas categorias previstas no quadrado semiótico e de operações juntivas, de modo mais específico, e sobretudo quando se volta às modalidades epistêmicas, podemos identificar na postura teórica do semioticista lituano a preocupação em apontar e ressaltar a importância do aspecto gradual que dirige e organiza tais operações do fazer cognitivo do sujeito.

Ao postular que “/afirmar/ e /recusar/ não podem ser considerados senão como polarizações extremas das operações juntivas”, Greimas deixa entrever, *avant la lettre*, o que posteriormente reconheceríamos como uma formulação tipicamente zilberberguiana, em que os termos são colocados em pontas de um gradiente (tensivo) e comportam inúmeras posições intermediárias (gradações) entre si. De fato, é Zilberberg quem, em *Raison et poétique du sens* (1988), procede à notória reformulação concernente à teoria semiótica a partir das bases já lançadas e consolidadas por Greimas para a disciplina de um modo geral.

De modo específico, quanto ao tópico teórico ora abordado, a questão das modalidades crer e saber, é possível afirmar que a perspectiva categorial dispensada a tais modalidades por Greimas, bem como a noção de ato epistêmico como uma operação juntiva entre um sujeito e um objeto, são retomadas e reformuladas por Zilberberg em seu texto de 1988 para atender à emergência de uma questão não prevista pelo paradigma greimasiano: como abordar os conteúdos sensíveis aderidos ao discurso além dos inteligíveis privilegiados pelo paradigma de Greimas?

De acordo com Kuhn (2009 [1962], p. 77 - 78), “a ciência normal não se propõe descobrir novidades no terreno dos fatos ou da teoria; quando é bem-sucedida, não as encontra”. Não obstante, “o exame histórico nos sugere que o empreendimento científico desenvolveu uma técnica particularmente eficiente na produção de surpresas dessa natureza”. É preciso, portanto, que a pesquisa orientada por um paradigma se constitua como “um meio particularmente eficaz de induzir a mudanças nesses mesmos paradigmas que a orientam”. Finalmente, o autor afirma que “as novidades fundamentais relativas a fatos e teorias são produzidas inadvertidamente por um jogo realizado

segundo um conjunto de regras” e, para assimilá-las, é preciso que um novo conjunto de regras seja elaborado. O responsável pela elaboração dessas novas regras é, de acordo com a nossa análise, Claude Zilberberg.

Anomalia e articulação do paradigma: a perspectiva tensiva

Graças à prioridade dos paradigmas em relação às regras (KUHN 2009 [1962], p. 67), Zilberberg mantém-se dentro do paradigma greimasiano, mas o ajusta e articula, formulando novas regras que podem dar conta de um fato não centralmente previsto pelo paradigma de Greimas. Se o cientista inadvertidamente depara um elemento novo durante o exercício científico pautado pelo conjunto de regras derivado de seu paradigma, a assimilação desse elemento exigirá a elaboração de um novo conjunto de regras. De acordo com Kuhn, isso configura a descoberta de uma *anomalia*, acompanhada do reconhecimento de que, de alguma maneira, a natureza violou as expectativas paradigmáticas que governam a ciência normal.

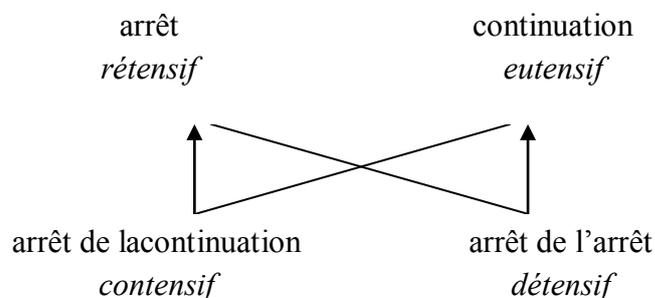
Segundo o autor, segue-se então uma exploração mais ou menos ampla da área onde ocorreu a anomalia e “esse trabalho somente se encerra quando a teoria do paradigma for ajustada, de tal forma que o anômalo tenha se convertido no esperado” (2009 [1962], p. 78). A anomalia, no nosso caso, consiste nos conteúdos sensíveis aderidos ao discurso, ou seja, o investimento afetivo do sujeito em sua relação a seus objetos ou a outros sujeitos, dimensão tímica indissociável de qualquer tipo de produção discursiva, que não encontrava tratamento teórico dentro do modelo greimasiano. Uma perspectiva mais ampla que caracteriza mais detidamente nossa anomalia, além de situá-la em relação a seu momento histórico, pode ser encontrada no seguinte trecho de Beividas:

Uma formulação feliz caracteriza com propriedade o movimento interno das pesquisas semióticas nas últimas duas décadas. É a que Landowski nos apresenta – não importa aqui o grau de seu engajamento nela – quando, na abertura do texto “Le corps de la nouvelle” de G. Marrone, atesta a situação “como se de um século a outro tudo o que era verbo se tivesse feito carne” (2000, p. 5). O texto deixa de ser “ponto de partida” e “ponto de ancoragem de nossas vociferações” sobre o sentido, sobre a semiose – como pleiteava vivamente Greimas, nos anos 70 e 80, juntamente com sua famosa expressão: “fora

do texto não há salvação” (hors du texte, pas de salut) (1987, p. 302 - 311) (...) A problemática da narratividade, das modalidades, da discursivização, figurativização... – todas elas congruências estruturais fortemente amarradas à substância mesma do discurso (de papel) – vê-se transportada para a arena onde o discurso toma corpo, literalmente, faz-se carne, a exigir reflexão mais centrada na sensibilização, na percepção (intero-extero-proprioceptiva), na tensividade ou na foria (...). (BEIVIDAS, 2003, p. 45)

Zilberberg, então, em seu texto de 1988, mantém-se sob o paradigma de Greimas e compartilha com este o vocabulário, a metalinguagem, os conceitos, os métodos, os modelos e procedimentos teóricos, notadamente a articulação de termos no quadrado semiótico. Essa coincidência é flagrante ao se lerem os dois textos. O jargão semiótico é plenamente mantido e termos como “sujeito”, “objeto” “modalização epistêmica”, “crer” e “saber”, entre outros, assumem inequivocamente o mesmo sentido nos dois textos. Além disso, Zilberberg toma para si a tarefa de resolver o mesmo quebra-cabeça sobre o qual se debruçou Greimas em seu texto de 1983: a questão do crer e do saber. Porém, ao fazê-lo, adota uma perspectiva *tensiva*, em oposição à perspectiva categorial privilegiada por Greimas.

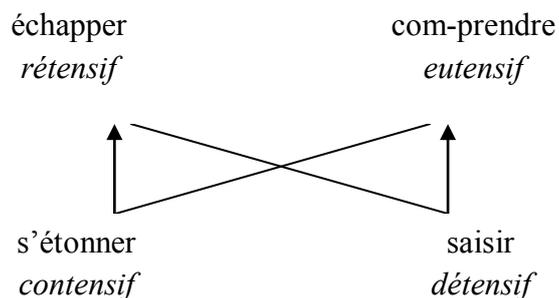
Em Greimas, o “ato epistêmico” (de saber algo ou conhecer algo) é concebido como uma transformação cognitiva ou processo, como uma operação juntiva, onde o saber precede ou até mesmo expulsa o crer, e vice-versa. Já Zilberberg define a consistência do saber como “uma isotopia propriamente cognitiva, cujo objeto seria, de certo modo, a relação” (ZILBERBERG, 1988, p. 126). Afirma também que “as estruturas cognitivas são gerais por sua forma e universais por seu objeto. Por forma, entendemos o quadrado semiótico em sua versão tensiva, fórica”:



(Figura 3: ZILBERBERG, 1988, p. 126)

Dessa maneira, Zilberberg redefine a dimensão cognitiva já em termos tensivos e essa é uma reformulação teórica que podemos identificar em seu texto. Em Greimas (1983, p. 133), o universo cognitivo é entendido como “uma rede de relações semióticas formais entre as quais o sujeito epistêmico seleciona as equivalências das quais necessita para acolher o discurso veridictório”, mas não é apresentada uma solução ou esquematização visual para tal definição e o ato epistêmico é concebido em termos de relações de conjunção ou disjunção, estas sim esquematizadas em quadrados.

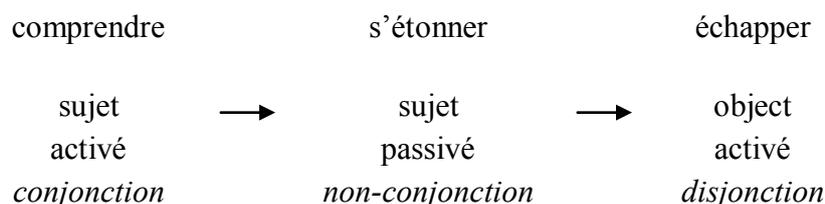
Ao apresentar a forma da estrutura cognitiva como a própria versão tensiva do quadrado semiótico, Zilberberg atualiza, sob uma perspectiva tensiva, um dos sentidos que podem ser depreendidos da definição de universo cognitivo de Greimas. Isso é feito por meio de uma solução esquemática e visual que se torna, então, uma ferramenta teórica para a abordagem dos conteúdos sensíveis. Essa abordagem se torna possível porque, sobre o quadrado tensivo que representa a forma (geral) das estruturas cognitivas, é depositado um novo quadrado, o que articula os termos *s1 /escapar/*, *s2 /compreender/*, *s1 /apreender/* e *s2 /espantar-se/*, relativos ao que Greimas denominaria “ato epistêmico” do sujeito, ou seja, à ação do sujeito para conhecer, apreender, compreender, saber etc., algo sobre seu mundo. Desse modo, a cada termo encontra-se já aderido um conteúdo tensivo fornecido pelo quadrado tensivo que subjaz à segunda estrutura quaternária. A estrutura final constitui o que Zilberberg define como o “quadrado da cognição”:



(Figura 4: ZILBERBERG, 1988, p. 126)

Ao definir o objeto cognitivo como, “do ponto de vista figural, uma relação” (ZILBERBERG, 1988, p. 126), Zilberberg também postula que, nessa relação, o sujeito pode estar ativado em relação ao objeto

(quando o compreende) ou apassivado em relação a ele (quando se espanta com o novo), por exemplo. Isso reformula a noção de que o ato epistêmico opera por meio de operações juntivas de um sujeito com seu objeto, como visto em Greimas (1983). Ou seja, ao conhecer o mundo, para Zilberberg, o sujeito oscila por gradientes tensivos, onde já se encontram aderidos conteúdos tímicos, em vez de se alocar em uma categoria polarizada (conjunto ao objeto ou disjunto). Abaixo, apresentamos um exemplo de esquematização de um percurso do sujeito em “atividade fiduciária”, segundo Zilberberg:



(Figura 5: ZILBERBERG, 1988, p. 127)

Finalmente, o exame dos modelos e do tratamento teórico que os dois semioticistas dispensaram à questão do crer e do saber procurou ser breve e obedecer ao afastamento epistemológico requerido pela visada historiográfica. O aspecto que buscamos ressaltar aqui, por meio da explicitação de conceitos e dos modelos teóricos, notadamente os quadrados semióticos encontrados nos dois textos, foi a reformulação da perspectiva *categoryal* de Greimas empreendida por Zilberberg, que dá à questão tratamento *tensivo*. Essa mudança na teoria originou *progresso*?

Paradigma e progresso

Sim, seria a resposta de uma comunidade científica que, ao empreender sua pesquisa em ciência normal sob o paradigma da semiótica greimasiana, após as reformulações teóricas de Zilberberg, mune-se de novas ferramentas que lhe permitem manipular conteúdos antes inacessíveis e não previstos pela teoria. A articulação e o ajuste da teoria do paradigma realizados por Zilberberg aumentaram, portanto, por acumulação, o alcance e a fecundidade da teoria semiótica greimasiana.

Se “resolver um problema da pesquisa normal é alcançar o antecipado de uma nova maneira, de preferência da forma mais elegante e rápida possível” (KUHN, 2009 [1962], p. 59), é importante observar que muito da reformulação empreendida por Zilberberg está antecipada em Greimas enquanto fundador do paradigma.

Se Zilberberg dá uma solução metodológica em termos de modelo teórico à questão sobre como a semiótica deve abordar conteúdos sensíveis aderidos ao discurso, entendemos que essa é uma contribuição que adiciona algumas novas peças a um quebra-cabeça que já havia sido estabelecido e parcialmente montado. Greimas e Zilberberg só podem atuar sobre um mesmo quebra-cabeça obedecendo à lógica cumulativa porque ambos operam dentro de um mesmo programa de investigação e, portanto, concordam em relação a vocabulário, metalinguagem, técnicas e procedimentos e, o mais importante, sobre o que *deve* ser feito dentro desse programa.

Assim, a lógica da acumulação cria o efeito de sentido de progresso na semiótica. De fato, o ganho teórico proporcionado pela *semiótica tensiva* é algo propalado e que goza de certa (mas não total) concordância entre a comunidade científica que adota o paradigma da semiótica greimasiana e que viu a teoria dele depreendida ser reformulada por Zilberberg. Esse progresso, no entanto, deve ser sempre dimensionado como *interno ao paradigma*, e não relativo a todo um campo do conhecimento.

Considerações finais

A discussão aqui proposta e realizada sobre a questão da mudança de perspectiva, de *categórica* para *tensiva*, da teoria semiótica em relação às modalidades *crer* e *saber* merece continuação. O monitoramento da maneira como os conteúdos teóricos são manipulados ao longo do eixo cronológico resulta em um tipo de conhecimento caro e pertinente a qualquer cientista.

Como defende Koerner (1989, p. 47), tal conhecimento é o que faz do praticante da ciência um verdadeiro cientista na acepção original do termo *scientia*, em latim. O conhecimento histórico permite ao cientista saber a origem das suposições gerais, métodos e teorias de sua área, bem como suas limitações, e se opõe à mera *expertise*

técnica por oferecer ao investigador a flexibilidade para a previsão de problemas e mudança de interpretação sobre o objeto investigado.

Sendo assim, entende-se que qualquer pesquisa, mesmo que esteja mais envolvida com os conteúdos epistemológicos de uma teoria, ou com a aplicação prática de modelos teóricos em determinada área do conhecimento, deve manter um olho sobre a historiografia inerente ao seu objeto-problema a fim de se valer das benesses descritas por Koerner.

Os trabalhos de revisão e análise de teoria que não perdem de vista a dimensão cronológica dos eventos se mostram bastante relevantes junto à semiótica da Escola de Paris, cujo paradigma foi fundado nos anos 1960 e, desde então, vem sendo manipulado e ajustado por inúmeras teorias. Como uma ciência “nova”, a semiótica ainda está para alcançar o padrão de desenvolvimento de uma ciência amadurecida caracterizado, de acordo com Kuhn (2009 [1962], p. 32), pela “transição sucessiva de um paradigma a outro, por meio de uma revolução científica”.

Qual será a primeira revolução a se abater sobre a ciência do sentido? Aguardemos munidos de uma perspectiva historiográfica.

Referências

ALEXANDRESCU, S. [1983] Saying and (Dis)believing. In: PARRET, H. (org.) **De la croyance. Approches épistémologiques et sémiotiques**. Berlim-Nova York: Walter de Gruyter Verlag. p. 16 - 30.

ALTMAN, M. C. F. S. [1998] **A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas.

ALTMAN, M. C. F. S. [2001] **Historiografias linguísticas: três questões em produção linguística brasileira**. Tomo I: Texto crítico apresentado para o concurso de Livre Docência no Departamento de Linguística FFLCH - USP.

BEIVIDAS, W. Corpo, semiose, paixão e pulsão. **Semiótica e metapsicologia. Perfis Semióticos**, Mérida - Venezuela, v. 1, n. 1, p. 43-61, 2003.

FONTANILLE, J. [1999] **Semiótica do discurso**. Trad. Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2007.

GREIMAS, A. J. [1966] **Semântica Estrutural**. Trad. Izidoro Blikstein e Haquira Osakabe. São Paulo: Cultrix, 1973.

GREIMAS, A. J. [1983] **Du sens II. Essais sémiotiques**. Paris: Seuil.

GREIMAS, A. J. [1987] Mis à la question. In: Arrivé M. et Coquet J-C. (eds.) **Sémiotique enjeu**. Paris-Amsterdam-Philadelphia: Hadès-Benjamins, 301-30.

GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. [1993] **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

KOERNER, K. [1989] **Practicing Linguistic Historiography: Selected essays**. Ed. E. F. Konrad Koerner, 47 – 59. Amsterdam: John Benjamins (1ª parte).

KUHN, Thomas S. [1962] **A Estrutura das Revoluções Científicas**. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 9ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

KUHN, Thomas S. [1977] **A Tensão Essencial**. Trad. Rui Pacheco. Lisboa: Edições 70, 1989.

LOPES, I. C.; BEVIDAS, W. [2009] Argumentação e Persuasão: Tensão entre Crer e Saber em "Famigerado", de Guimarães Rosa. **Revista Alfa**. 53 (2), p. 443 – 455.

MARRONE, G. [2000] Lecorps de la nouvelle. **Nouveaux Actes Sémiotiques** 68,69,70. Limoges: Pulim.

PARRET, H. (org.) [1983] **De lacroyance. Approches épistémologiques et sémiotiques**. Berlim-Nova York: Walter de Gruyter Verlag.

PETITOT, J. [1983] Choix etcroyance: vers une logique de l'idéal. In: PARRET, H. (org.) **De lacroyance. Approches épistémologiques et sémiotiques**. Berlim-Nova York: Walter de Gruyter Verlag, p. 237 - 266.

RORTY, R. [1984]. The Historiography of Philosophy: Four genres. **Philosophy in History: Essays on the historiography of philosophy**. Ed. by Richard Rorty, J[erome] B. Schneewind & Quentin Skinner, 49 – 75. Cambridge & New York: Cambridge Univ. Press.

SWIGGERS, P. [1981] The history writing of linguistics: a methodological note. **General Linguistics** 21 : 1. 11 - 16

ZILBERBERG, C. [1988] **Raison et poétique du sens**. Paris: PUF.

ZILBERBERG, C. [1988] **Razão e poética do sentido**. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Beividas. São Paulo: Edusp, 2006.

Recebido em 01 de jul. de 2014.

Aceito em 19 de ago. de 2014.